

## Editorial

### A CULTURA DO "SOMA"

Com esse título publiquei um trabalho na *Revista da UCPel*<sup>1</sup>. O Soma é o fármaco que os cidadãos do "Admirável Mundo Novo" de A. Huxley tomam diariamente para que suas vidas possam transcorrer sem ser perturbadas pelas tensões, adversidades, contratempores e angústias que são inseparáveis companheiros da existência de todos os comuns mortais. A Bíblia nos ensina que a vida é luta: "Militia est vita hominis super terram" (A vida do homem na terra é luta), reza o livro de Job. Hoje tem-se a impressão de que ninguém quer mais lutar. À luta se prefere a calma artificialmente proporcionada pelos ansiolíticos, hipnóticos, sedativos de todos os matizes. Estamos vivenciando um verdadeiro frenesi de conter ou eliminar os problemas existenciais com meios farmacológicos. O sofrimento sempre teve um profundo significado humano e social, por ser uma dimensão essencial da existência, uma experiência fundamental para a aquisição da maturidade psicológica, da sabedoria, do senso de responsabilidade das próprias ações e da empatia e solidariedade com os nossos semelhantes.

A cultura moderna parece ter tornado essa experiência inútil, dispensável, supérflua. Os dados a seguir parecem confirmar: no *Diário Popular* de domingo, 11 de junho de 1995, o professor da UFPel Maurício Silva de Lima informa que, na cidade de Pelotas, 30 mil pessoas (10% da população) utilizam psicofármacos, das quais 12,8% obtêm-nos sem receituário médico e 8% se automedicam. Como é de se esperar, as mulheres são a maioria: de fato os homens têm no álcool o substituto e o equivalente dos psicofármacos. . .

Tenho em mão uma publicação italiana<sup>2</sup> que mostra que também naquele país as coisas não são muito diferentes, apesar das belezas naturais, da música e da poesia, que são parte integrante daquela cultura. Em 1978 foram vendidas na Itália 44 mil confecções de hipnóticos e

---

<sup>1</sup> Baruffa, G. 1994. "A cultura do Soma". *Revista UCPel*, Dez, 4(2): 49-52.

<sup>2</sup> Turi, G., 1995. "Pillole per non pensare" *Avvenimenti*, 7 Cennaio, p. 55.

sedativos; em 1990 as confeções vendidas subiram a 75 mil, e em 1993 a 81.537. O incremento de 1978 a 1993 foi de 82%. Note-se que o incremento populacional do país no período considerado foi nulo.

Que significa tudo isso? A meu ver, que se está assistindo a um contínuo incremento do mal-estar psíquico, e é cada dia maior a dificuldade de administrar o componente emocional da personalidade, tanto em nível individual quanto coletivo.

De quem é a culpa dessa situação? A culpa maior cabe, a meu ver, a um certo tipo de cultura, desenvolvida nos últimos decênios em função da extremada competitividade imposta pelo atual sistema econômico. Essa cultura procura resolver todos os problemas existenciais com meios farmacológicos, em outras palavras, medicalizando. Disso somos cúmplices também nós, profissionais da saúde, por oferecer aos pacientes o nosso mutismo e a frieza tecnológica de aparelhos sofisticados sem o acompanhamento do calor de uma palavra amiga e da empatia. O vicejar das medicinas alternativas, onde o profissional mantém vivo o diálogo, está a mostrar esse fato.

Quem vai lucrar com tudo isso? O *establishment*, em primeiro lugar. É seguramente mais fácil e cômodo lidar com uma massa de cordatos parcialmente anestesiados e incapazes de utilizar seu poder crítico. . . Em segundo lugar, lucra a indústria farmacêutica, cujo retorno, em termos de psicofármacos, alcança bilhões de dólares anuais.

Quem perde? Naturalmente os consumidores, que condenam a si mesmos não a viver, e viver é lutar, mas a vegetar. . . E perde também a sociedade como um todo, porque inteligências obnubiladas por psicofármacos têm pouca ou nenhuma produtividade.

A inquietude existencial sempre foi a mola propulsora da produtividade intelectual. Isso já nos disse Dante pela boca de Ulisses, no canto XXVI do *Inferno*:

*Considerate la vostra semenza,  
Nati non fosti a viver como bruti  
Ma per seguir virtute e conoscenza*

(Considerai a vossa natureza.  
Não nascestes para viver como os brutos.  
Mas para seguir a virtude e o conhecimento.)

Giovanni Baruffa